

CHEVITARESE, L (2002): “A ‘resposta’ que Derrida não concedeu a Sokal: a desconstrução do conceito de contexto”. In: DUQUE-ESTRADA, P. C. (org.): *Às Margens: a propósito de Derrida*. SP: Loyola. (ISBN 851502477-2)

A “resposta” que Derrida não concedeu a Sokal: **a desconstrução do conceito de *contexto***

“Minha resposta é: tudo isso é triste, não é
mesmo?” J. Derrida¹

Introdução

O caso Sokal ou “the Sokal’s hoax”, como ficou mais conhecido na imprensa norte-americana, foi provavelmente a mais contundente tentativa de ataque à intelectualidade francesa contemporânea e à chamada “esquerda pós-modernista” norte-americana. Em novembro de 1994, Alan Sokal, professor de física da Universidade de New York, submete um artigo intitulado “Transgressing the Boundaries: towards a transformative hermeneutics of quantum gravity” à prestigiosa revista americana “Social Text”, importante expoente dos “Cultural Studies”. Em abril de 1995 o artigo é aceito pelo comitê editorial, e publicado em abril de 1996, em uma edição especial inteiramente dedicada à refutar aqueles que acusavam os Estudos Culturais de incompetência em relação às suas críticas à ciência. Logo em seguida, na edição de maio/junho da revista “Língua Franca”, em um artigo intitulado “Um físico faz experiências com estudos culturais”, o embuste é revelado pelo próprio autor. Sokal afirma que seu ensaio não passava de um amontoado de disparates e *non-sequiturs*,

ainda que repleto de referências genuinamente verdadeiras a destacados intelectuais como Lacan, Irigaray, Deleuze, Derrida, Kristeva, Serres, Latour, Lyotard, Aronowitz, dentre outros. A paródia de Sokal² foi, não somente aceita pelos editores da revista³, como publicada em uma edição especial. Sendo amplamente explorado pela mídia internacional, o acontecimento assume proporções de escândalo. Em outubro de 1997, Sokal e Bricmont (professor de física teórica da Universidade Católica de Louvain) publicam em francês o livro *Impostures intellectuelles* (publicado no Brasil pela editora Record, 1999), apresentando o conjunto do “dossiê” levantado por eles acerca do que denominaram “abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos”.

Partindo da hipótese de que o fundamento da crítica de Sokal e Bricmont repousa na *extrapolação do contexto originário* em que os enunciados científicos foram produzidos (o que constituiria o cerne do “abuso da ciência”), este ensaio propõe-se a revisitar o “caso Sokal”, considerando a desconstrução da noção de “contexto” – que podemos encontrar no artigo de Derrida intitulado “Signature événement contexte”, publicado em *Marges de la philosophie* (Editions de Minuit, 1972). Não pretendo aqui, de modo algum, julgar a “precisão” do uso de termos científicos por quaisquer um dos pensadores criticados, mas, sim, tecer algumas considerações que possam contribuir para um redimensionamento da questão. Como afirma Derrida: “a desconstrução não

¹ Derrida, J: “Descomposturas Intelectuais”. In: Folha de São Paulo, 19 de Abril de 1998.

² Para explicar o recurso à paródia, Sokal afirma : “Pensei que seria mais divertido e mais útil, ao invés de criticar, escrever um artigo *elogiando* esses textos. Então, tive a idéia de escrever uma paródia, que fosse, ao mesmo tempo, um experimento – ainda que não científico – e um embuste. Pensei que a sátira e o humor poderiam ser armas mais potentes que um artigo normal para desbloquear um debate que há muito tempo estava bloqueado”. SOKAL, A.: “Entre a paródia e a denúncia: trajetos de dois físicos nos bosques das humanidades” In: *Revista de Antropologia*, Universidade de São Paulo, Vol. 41, 1998, págs. 215-233.

³ Em artigo publicado na edição julho/agosto de 1996 de “Lingua Franca”, os co-editores do fatídico número da “Social Text”, Bruce Robbins e Andrew Ross, justificam a publicação afirmando: “concluimos que se tratava de uma tentativa esforçada de um cientista profissional de encontrar na filosofia pós-moderna algum tipo de afirmação para desenvolvimentos em seu próprio terreno (...) lemos o artigo como um ato de boa-fé quanto ao tipo de escrito que poderia valer a pena encorajar, do que como um conjunto de argumentos com que concordássemos”. Cf., também, ABRAMO, C. W.: “O telhado de vidro do relativismo”. In: Folha de São Paulo, 15 de setembro de 1996.

consiste em passar de um conceito para outro, mas em modificar e deslocar uma ordem conceitual assim como a ordem não-conceitual à qual se articula”⁴.

O Embuste de Sokal

Em sua paródia, Sokal propõe-se a desfazer o

*dogma imposto pela longa hegemonia pós-iluminista sobre a visão intelectual ocidental (...): que existe um mundo exterior, cujas propriedades são independentes de qualquer ser humano individualmente considerado e mesmo da humanidade como um todo; que essas propriedades estão codificadas em leis físicas “eternas”; e que os seres humanos podem adquirir conhecimento, embora imperfeito e sujeito a revisão, dessas leis seguindo à risca os procedimentos “objetivos” e as restrições epistemológicas prescritas pelo (chamado) método científico.*⁵

Tal “dogma” teria sido demolido pelas teorias da mecânica quântica e da relatividade geral, a partir das quais mostrou-se que a realidade física seria, na verdade, uma construção sócio-lingüística. Propõe-se então a “esboçar as linhas gerais da nascente teoria da gravitação quântica, e discutir algumas das questões conceituais que ela levanta”⁶, para em seguida comentar suas as implicações políticas e culturais.

Partindo de algumas considerações de Heisenberg, Bohr e Einstein, Sokal desenvolve um texto repleto de “saltos” argumentativos, mirabolantes trocadilhos, analogias absurdas, e de riquíssimas referências bibliográficas dos diversos pensadores mencionados (são ao todo 109 notas de rodapé, e mais de 200 obras catalogadas na bibliografia). Procura com isso evidenciar que os recentes desenvolvimentos da teoria

⁴ DERRIDA, J.: *Margens da Filosofia*. SP: Papyrus, 1991. Pág. 372.

⁵ SOKAL, A. & BRICMONT, J.: *Imposturas intelectuais*. RJ: Record, 1999. Págs 231/232, grifo meu.

⁶ *Idem*. Pág. 233.

quântica estariam plenamente de acordo com a negação da objetividade da verdade, com a recusa a uma tirânica “realidade objetiva”, bem como representaria o surgimento de um tipo de ciência “liberatória”, pós-moderna, a serviço de motivações políticas progressistas. Em tom panfletário, ele afirma que o “ensino da ciência e da matemática deve ser expurgado de suas características autoritárias e elitistas, e o conteúdo dessas matérias, enriquecido com a incorporação de pontos de vista das críticas feministas, homossexuais, multiculturalistas e ecológicas”⁷.

O que pretendia Sokal com seu embuste? A introdução de *Impostures intellectuelles* propõe-se a esclarecer o propósito da paródia: chamar atenção para o abuso reiterado de conceitos da matemática e da física. São destacados quatro sentidos para a noção de *abuso da ciência*:

(1) falar abundantemente de teorias científicas sobre as quais se tem, na melhor das hipóteses, uma idéia extremamente confusa (...) (2) importar conceitos próprios das ciências naturais para o interior das ciências sociais ou humanidades, sem dar a menor justificação conceitual ou empírica (...) (3) Ostentar uma erudição superficial ao atirar na cara do leitor, aqui e ali, descaradamente, termos técnicos num contexto em que eles são totalmente irrelevantes (...) (4) manipular frases ou sentenças que são, na verdade, carentes de sentido.⁸

Sokal e Bricmont têm o cuidado de enfatizar que, do mesmo modo que não pretendem analisar o pensamento pós-modernista, não estão investindo contra a filosofia ou as ciências sociais como um todo, mas, sim, querem “prevenir aqueles que trabalham nessas áreas (principalmente estudantes) contra alguns casos manifestos de

⁷ *Ibidem*. Pág. 258.

⁸ *Ibidem*. Págs. 18/19.

charlatanismo”⁹, ou ainda, “defender os cânones da racionalidade e da honestidade intelectual que são (ou deveriam ser) comuns a todas as disciplinas eruditas”¹⁰. Apesar disso, isentam-se de responder se tais “abusos” seriam fruto de um auto-engano ou de uma fraude consciente. Sokal também afirma compreender sua sátira como uma contribuição à esquerda intelectual que, pela crítica de seus excessos, sairia fortalecida¹¹.

Ora, em que se fundamentam as críticas de Sokal e Bricmont? Que conceitos (ou pressuposições) sustentam a noção de *abuso da ciência* por eles apresentada? O que lhes permite acreditar que são médicos da racionalidade contemporânea, capazes de apontar o charlatanismo de intelectuais pseudo-engajados?

Os próprios autores, na introdução do livro, nos indicam uma *pista* a seguir, ao enumerarem dez objeções fundamentais que poderiam ocorrer ao leitor. Algumas são realmente tolas (e às vezes é difícil acreditar que tenham, de fato, sido formuladas), como p.ex., “mas esses autores não são pós-modernistas”, ou “por que vocês escrevem um livro sobre isso e não sobre temas mais sérios?”. Naturalmente, a eventual inadequação do conceito “pós-moderno” não invalida de modo algum o projeto de Sokal, bem como não parece haver critério evidente para o que sejam “temas mais sérios”. Outras objeções, no entanto, podem ser consideradas de alguma relevância, como p.ex., “licença poética”, ou “o papel das metáforas e das analogias”. No primeiro caso, os autores afirmam que o objetivo dos pensadores mencionados “é nitidamente

⁹ *Ibidem*. Pág. 19.

¹⁰ *Ibidem*. Pág. 21.

¹¹ Sokal reivindica sua militância de esquerda (lecionou como voluntário na Universidade Nacional Autônoma da Nicarágua na década de 80, p.ex.) e o apoio recebido de boa parte da imprensa americana com a mesma orientação política, em resposta aos comentários de Roberto Campos – que viu em sua paródia uma ridicularização da esquerda e a revelação de sua derradeira falência intelectual. Cf. CAMPOS, R.: “A brincadeira de Sokal...”. In: Folha de São Paulo, 22 de setembro de 1996; SOKAL, A.: “A razão não é propriedade privada”. In: Folha de São Paulo, 6 de outubro de 1996.

produzir teoria, e é neste terreno que os criticamos”¹². Mas como podem saber a “verdadeira intenção” de alguém ao escrever um texto, ainda mais em uma área que afirmam não conhecer? Estariam tais filósofos interessados em produzir teorias *científicas*? No segundo caso, Sokal e Bricmont afirmam: “não vemos a utilidade de invocar, mesmo metaforicamente, noções científicas muito mal dominadas para um público de leitores composto quase inteiramente de não-cientistas”¹³. Mas toda metáfora tem que possuir uma função pragmática no discurso? É isso que determina sua pertinência? Estariam as metáforas aprisionadas a critérios de eficiência e desempenho? Como “medi-los”? No que se refere ao papel das analogias, consideram que sua função acaba sendo a de ocultar a fragilidade da teoria não-científica: “as analogias são entre teorias bem estabelecidas (nas ciências naturais) e teorias demasiado vagas para serem testadas empiricamente (por exemplo, psicanálise lacaniana)”¹⁴. Ora, ainda que existisse tal “intenção obscura”, e fosse possível reconhecê-la, isto não invalida uma analogia. E se uma analogia, ou seja, uma comparação, fosse feita entre teorias “bem estabelecidas” (como gostariam os autores), em que repousaria o seu “valor”? Aliás, em qualquer caso, o que “legitima” uma analogia?

Considero fundamental destacar, dentre todas, a segunda objeção que poderia ser levantada contra Sokal e Brickmont, que parece-me central na estrutura de todo o livro: “vocês não entenderam o contexto”. (Esta é apenas uma pista, pois a objeção, na verdade, está mal formulada. Melhor seria dizer: “vocês não entenderam o que significa a noção de contexto”.) Diante de tal crítica, os autores responderiam: “quando conceitos da matemática e da física são trazidos para outra área de conhecimento, algum argumento deve ser fornecido para justificar sua pertinência.”¹⁵.

¹² SOKAL & BRICMONT, *op.cit.*, 1999. Pág. 23.

¹³ *Idem.* Pág. 24.

¹⁴ *Ibidem.* *Idem.*

¹⁵ *Ibidem.* Pág. 22.

Parece claro que a exigência aqui é de um argumento *científico*, pois de que adiantaria um argumento sociológico ou filosófico, por mais elaborado que fosse, se ele mesmo já seria tomado como *descontextualizado* perante conceitos matemáticos, p.ex.? Neste caso os contextos já estariam, em todas as situações possíveis, totalmente fechados em si mesmos, e a transposição de conceitos para outra área de conhecimento seria, sempre, impertinente. Teríamos que pressupor também, em defesa do uso “pertinente” dos conceitos, que o contexto de leitura de cada um desses textos de uma mesma área é sempre o mesmo – mais do que isso: que o significado dos conceitos é rigorosamente o mesmo.

Todavia, os autores parecem sustentar a possibilidade de uma aplicação “útil” (leia-se também “honestá”) da matemática em outros campos ou “contextos”: “como os conceitos matemáticos têm significado preciso, a matemática é útil principalmente quando aplicada em campos nos quais os conceitos têm igualmente significado mais ou menos preciso”¹⁶. No entanto, não parece nada claro o que significa dizer que algo é “mais ou menos preciso”, e nem quais os critérios que tornam “possível” tal “aplicação útil”. Se forem novos argumentos matemáticos, permanecemos fechados no mesmo contexto inicial (neste caso não há aplicação alguma), se forem argumentos não-científicos, estaríamos *extrapolando o contexto* (neste caso a aplicação seria “impertinente”).

Mas o que significa dizer que algo é “contextualizado” ou “descontextualizado”? Há leituras “não-contextuais”? O que significa a noção de “contexto”?

¹⁶ *Ibidem*. Pág. 23.

A relação de Derrida com a paródia de Sokal

Diferentemente de outros ilustres pensadores franceses, como Lacan, Deleuze, Latour, Baudrillard, Virilio, etc, não há um capítulo dedicado a Derrida em *Impostures intellectuelles*. A Introdução do livro procura explicar essa ausência: “embora a citação de Derrida contida na paródia de Sokal seja muito engraçada, trata-se de abuso isolado; uma vez que não existe emprego sistemático incorreto da ciência na obra de Derrida”¹⁷. O autor de *Marges de la philosophie e L’écriture et la différence* é citado apenas na sátira original de Sokal publicada na “Social Text”:

A constante eisteiniana não é uma constante, não é um centro. É o verdadeiro conceito de variabilidade – é, enfim, o conceito de jogo. Em outras palavras não é o conceito de alguma *coisa* – de um centro a partir do qual um observador pudesse dominar o campo – ,mas o próprio conceito de jogo (...) ¹⁸

Como o próprio Derrida explica, em um artigo para o “Le Monde”¹⁹ (publicado também pela “Folha de São Paulo”), esta foi “uma resposta improvisada num colóquio ocorrido a mais de 30 anos, em 1966, no curso da qual eu retomava os termos de uma pergunta

¹⁷ *Ibidem*. Pág. 22.

¹⁸ DERRIDA, J.: “Structure, sign and play in the discourse of the human sciences”. In: *The Languages of Criticism and the Sciences of Man: the Structuralist Controversy*, pp. 247-272. Editado por Richard Macksey e Eugenio Donato. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1970. Apud SOKAL, A.: “Transgredindo as Fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica”. In: SOKAL & BRICMONT, *op.cit.*, 1999. Pág. 241

de Jean Hyppolite”²⁰. A conferência que Derrida havia pronunciado era “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, no Colóquio Internacional da Universidade Johns Hopkins, Baltimore, cujo tema era “As linguagens críticas e as ciências humanas”, em 21 de outubro de 1966. Esta conferência veio a compor o livro *L’écriture et la différence*, publicado no ano seguinte, em Paris, pela Seuil. Em 1970, o artigo foi publicado em língua inglesa, juntamente com o debate que se seguiu a ele – do qual Sokal retirou a “pérola” para sua paródia. Como se sabe, este texto de Derrida se propõe a oferecer uma crítica ao estruturalismo, através da desconstrução do conceito de “estrutura”, tratando principalmente da obra de Lévy-Strauss, sem qualquer referência a matemática, a física ou a Einstein.

Derrida foi um dos grandes alvos da mídia internacional no debate que se seguiu à revelação da farsa de Sokal. Ainda em seu comentário ao livro *Impostures intellectuelles*, ele afirma:

as várias passagens em que falo, de fato, e precisamente, sobre o “indecidível” e mesmo sobre o teorema de Gödel não foram localizadas nem visitadas pelos censores. Tudo faz pensar que eles não leram o que era preciso ler para tomar pé das dificuldades. Sem dúvida, eles não foram capazes. Em todo caso, não o fizeram²¹.

Na sua resposta a Jacques Derrida, em artigo para o “Le Monde”²² (publicado também pela “Folha de São Paulo”), Sokal e Bricmont reconhecem a exploração exagerada que a imprensa fez da relação de Derrida com o caso, concedendo que ele não figura na “categoria de abuso da ciência”. Mas novamente enfatizam que seus detratores “não

¹⁹ Publicado em 20 de novembro de 1997, com título original “Sokal et Bricmont ne sont pas sérieux”.

²⁰ DERRIDA, J.: “Descomposturas intelectuais”. In: Folha de São Paulo, 19 de abril de 1998.

²¹ *Idem*.

²² Publicado em 12 de dezembro de 1997, com o título original “Réponse à Jacques Derrida et Max Dorra”

formulam nenhuma crítica concreta”, ou que repetem trivialidades “sem se darem ao trabalho de defender um único dos textos que nós criticamos”²³. Mas por que não há resposta? Ou, por que Sokal e Bricmont não receberam *a resposta que esperavam*? Parece razoável supor que não a encontraram por que aguardavam uma resposta no delimitado contexto em que acreditavam se encontrar, ou seja, o contexto científico.

Não censuramos ninguém por utilizar termos correntes como “rio” ou “caverna” e nem mesmo termos que têm sentidos múltiplos como “energia” ou “caos”. Criticamos o uso de termos estritamente técnicos, como “conjunto compacto” ou “hipótese do contínuo”, **fora de seus contextos** e sem a explicação de sua pertinência.²⁴

Cabe investigar melhor a noção de “contexto”, para que possamos compreender por que, digamos, “não faz muito sentido” respondê-los do modo como esperavam. Vejamos o que Derrida pode nos dizer a respeito.

²³ SOKAL, A. & BRICMONT, J.: “Uma crítica sem fundamento”. In: Folha de São Paulo, 19 de abril de 1998.

²⁴ *Idem*, grifo meu.

A desconstrução do conceito de *contexto*

A desconstrução derridiana esforça-se para apresentar o “equivoco” metafísico de tomar a escritura como secundária; seria melhor dizer duplamente secundária: se para a metafísica tradicional o signo fônico é secundário, o signo gráfico surge como *seu* significante. A filosofia deve responder ao logocentrismo da tradição (que pela considerada superioridade do signo fônico, ergue-se como fonocentrismo), tratando criticamente de toda referência a um centro, e a uma centralidade das noções de verdade, origem, significado, aprisionadas à rigidez da forma e da identidade.

Em seu artigo intitulado “Assinatura acontecimento contexto”²⁵, Derrida formula a questão: “existirá um conceito rigoroso e científico de *contexto*? Não abrigará a noção de contexto, por trás de uma certa confusão, pressuposições filosóficas muito determinadas?”²⁶. O propósito de Derrida é, então, mostrar a inconsistência teórica do que geralmente denominamos “contexto”, aplicável a diversos campos de investigação acadêmica, do mesmo modo que pretende evidenciar que o conceito de “escrita” não pode ser tomado sob a categoria restrita de “transmissão do sentido”. Com isso, propõe-se a “demonstrar porque é que **um contexto nunca é absolutamente determinável**”²⁷. Não se trata, no entanto, de reivindicar o direito de ler “fora do contexto”, visto que lê-

²⁵ “Signature événement contexte”. Comunicação ao *Congrès International des Sociétés de philosophie de langue française* (Montreal, Agosto, 1971). O tema do colóquio era “A comunicação”. Publicada em *Marges de la philosophie*. Paris: Minuit, 1972.

²⁶ DERRIDA, J.: *Margens da Filosofia*. SP: Papirus, 1991. Pág. 351.

²⁷ *Idem*, meu grifo.

se sempre em um ou mais contextos, mas, sim, de questionar a coerência da noção corrente de *contexto*²⁸.

Tomando como exemplo a análise desenvolvida por Condillac sobre comunicação e escrita, para a qual considera que não há contra-exemplos significativos na tradição, Derrida observa que “a origem e a função da escrita é colocada, de maneira, de qualquer modo, não-crítica, *sob a autoridade do conceito de comunicação*”²⁹. Neste sentido, o objetivo da escrita é comunicar, o que se tem para comunicar são “pensamentos”, “idéias”, isto é, representações mentais, de modo que a escrita seria um *meio* de comunicação. Mais precisamente: um modo de fazer conhecer aos ausentes determinadas representações daquele que escreve, adequando-se, portanto, a uma lei de economia mecânica. Sendo assim, “o conceito de *representação* é aqui indissociável dos de *comunicação* e de *expressão*”³⁰.

Derrida procura, em seguida, investigar a noção de *ausência* sublinhada por ele na análise de Condillac: (1) ausência do destinatário, para quem se quer comunicar algo; (2) ausência do destinador, que se separa do texto que escreve, visto que este transmitiria seu querer-dizer para além de sua presença. A ausência do que escreve é concebida como uma modificação contínua e homogênea da presença, por meio da representação.

Assim compreendida, a escrita é uma espécie de comunicação. Esta última, enquanto gênero, caracteriza-se por veicular uma representação, por transportar um sentido, um querer-dizer. Derrida questiona, então, sobre qual diferença específica definiria este “tipo” de comunicação que seria a escrita (visto que de algum modo a noção de *ausência* aplica-se a toda comunicação), procurando investigar a *ausência* própria ao texto escrito.

²⁸ Cf. BENNINGTON, G.: *Jacques Derrida*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1996. Pág. 66.

²⁹ DERRIDA, J.: *Margens da Filosofia*. SP: Papyrus, 1991. Pág. 352.

³⁰ *Idem*. Pág. 353.

Como qualificar a especificidade da ausência do destinatário em um texto escrito? Poderia a ausência do destinatário ser compreendida como uma presença distante, tramada pela representação do escritor, uma ausência como “modificação (ontológica) da presença”? Derrida considera que *não*, pois esta distância, este atraso, este adiamento, esta *différance*³¹, precisam ser tomados como um “certo absoluto da ausência” para que a própria estrutura da escrita se faça:

É necessário, se quiserem, que a minha “comunicação escrita” permaneça legível não obstante o desaparecimento absoluto de qualquer destinatário determinável em geral para que ela possua a sua função de escrita, quer dizer, sua legibilidade. É necessário que seja repetível – iterável – na ausência absoluta do destinatário ou do conjunto empiricamente determinável dos destinatários³².

A escrita, para ser o que é, não pode prescindir de uma estrutura legível (iterável) para além do desaparecimento do destinatário. Esta ausência é uma ruptura radical com a presença, jamais sendo sua modificação contínua. O que tem que valer também para o remetente, isto é, o autor do texto: o escrito tem que poder continuar “agindo”, tem que poder ser lido e relido mesmo na ausência do querer-dizer daquele que o escreveu. O escrito, como uma “máquina produtiva”, abre um espaço de leitura que não se encontra prisioneiro da “intenção” do autor. Em última análise, está interdita a chance de decidir sobre o que o escritor de um texto “verdadeiramente quer-dizer”. Toda essa irreduzível incerteza faz parte da estrutura fundamental da escrita. A mortalidade do autor se inscreve em seu texto, do mesmo modo que a possibilidade da morte do destinatário. Como Bennington comenta: “mesmo se te é destinada única e exclusivamente, minha carta deve permanecer legível em princípio depois de tua morte

³¹ Sobre o neografismo *différance*, cf. “A Diferença”. In: DERRIDA, *op.cit.*, 1991.

³² DERRIDA, *op.cit.*, 1991. Pág. 356.

como também da minha”³³. O texto escrito anuncia a *ausência do destinatário e do remetente*. Nas palavras poéticas de *L’écriture et la différence*:

Só a *ausência pura* – não a ausência disto ou daquilo – mas a ausência de tudo em que se anuncia toda a presença – pode *inspirar*, ou por outras palavras *trabalhar*, e depois fazer trabalhar. O livro puro está naturalmente virado para o oriente dessa ausência que é, aquém e além da genialidade de toda riqueza, o seu conteúdo próprio e primeiro³⁴.

Diante da *ausência pura* como elemento mais próprio ao texto, faz-se necessário abandonar a noção de que o escrito estabelece um horizonte de comunicação entre consciências ou presenças, deixando de lado toda a pretensão que a comunicação escrita possa ser compreendida como transmissão lingüística-semântica da intenção-de-significação.

A *escritura* para Derrida designa o próprio funcionamento da língua em geral, na medida em que todo significante remete sempre a outro significante: “o ‘significante do significante’ não mais define a reduplicação acidental e a secundariedade decaída (...) descreve, ao contrário, o movimento da linguagem”³⁵. *Escritura* “implica repetição, ausência, risco de perda, morte”³⁶. Um signo escrito é uma marca que traz consigo a possibilidade da iteração mesmo que seu contexto de produção esteja para sempre perdido, é um rastro [*trace*] que jamais se esgota no ato de sua inscrição, podendo ser repetido independente da intenção-de-significação daquele que escreveu.

³³ BENNINGTON, G.: *Jacques Derrida*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1996. Pág. 45.

³⁴ DERRIDA, J.: *A Escritura e a Diferença*. SP: Ed. Perspectiva, 1995. Pág. 20.

³⁵ DERRIDA, J.: *Gramatologia*. SP: Perspectiva, Ed. da USP, 1973. Pág. 08.

³⁶ BENNINGTON, *op.cit.*, 1996. Pág.43.

Esta possibilidade estrutural de ser privada do referente ou do significado (portanto da comunicação de seu contexto) parece-me fazer de qualquer marca, seja ela oral, um grafema em geral, (...) a *permanência* não-presente de uma marca diferencial separada de sua pretensa “produção” ou origem³⁷.

O escrito já está desde sempre em ruptura com o seu contexto de “produção” (seja ele histórico, socio-político, acadêmico, etc), do mesmo modo que com o contexto ao qual se destinava:

(...) um signo escrito comporta uma força de ruptura com o seu contexto, quer dizer, o conjunto das presenças que organizam o momento de sua inscrição. Esta força de ruptura não é um predicado accidental, mas a própria estrutura da escrita. (...) **Nenhum contexto pode fechar-se sobre si.** Nem nenhum código, sendo o código aqui simultaneamente a possibilidade e a impossibilidade da escrita, da sua iterabilidade essencial (repetição/alteridade)³⁸.

Um enunciado caracteriza-se exatamente pela possibilidade de repetição na alteridade, de modo que arrasta consigo a força de ruptura com seu contexto. Se não pudesse ser citado em outro contexto não seria um enunciado. Todo texto é lido em um ou mais contextos, mas nada aprisiona um enunciado ao que seria seu “contexto originário”. *“Pode-se sempre citar fora do contexto. Cita-se aliás por definição fora do contexto”*³⁹. O escrito sustenta sempre a condição de poder ser lido ou citado fora do contexto em que foi redigido, ainda que, por outro lado, toda leitura de algum modo transporte o leitor para esse contexto, fazendo-o participar dele, por pouco que seja: *“para ler um*

³⁷ DERRIDA, *op.cit.*, 1991. Pág. 359.

³⁸ *Idem.* Pág. 358, grifo meu.

³⁹ BENNINGTON, *op.cit.*, 1996. Pág. 66, grifo meu.

texto fora do contexto é preciso já estar em seu contexto”⁴⁰. Não há como delimitar criticamente qualquer contexto, toda tentativa de determinação de um contexto não pode prescindir de um excelente pressuposto arbitrariamente constituído.

Por tudo que vimos, segundo Derrida, a incerteza teórica que acompanha a noção de “contexto” não é simplesmente um predicado accidental, sendo algo propriamente fundamental à *escritura*. A partir daí, nos cabe apenas a reflexão final proposta por Bennington:

Dir-se-á que abrimos a possibilidade de leituras arbitrárias, de não importa o quê; (...) acrescentemos aqui que uma leitura totalmente programada contra o risco do arbitrário não seria uma leitura, e que se trata também de re-marcas este fato. Mas também, bem mais simplesmente, que as leituras feitas por Derrida não dão nunca a impressão de serem arbitrárias, e seria preciso perguntar-se por quê.⁴¹

⁴⁰ *Idem*. Pág. 70, grifo meu.

Considerações finais

Mas afinal, o que a paródia de Sokal nos pode ensinar?

Em sua crítica a Sokal e Bricmont, em artigo publicado pela Folha de São Paulo, Prado Jr. afirma: “este livro põe em ridículo, muitas vezes com razão, um uso obscuro da linguagem por parte dos filósofos”⁴². Mas seria esse o seu mérito? Sem deixar de enfatizar a superficialidade e o despropósito que vê no livro, ele complementa ironicamente: “mas ganharam os 15 minutos de notoriedade que a sociedade do espetáculo garante democraticamente a todo mundo”⁴³. Seria de fato assim?

Ora, eles tiveram bem mais do que 15 minutos de fama. E isso se deve ao fato de que a paródia publicada na “Social Text”, *seja como for*, contribuiu significativamente para fomentar algumas questões. Talvez uma delas seja esse “obscurantismo de alguns filósofos” de que fala Prado Jr., ou a possibilidade de ascensão de um relativismo exacerbado, ou a denúncia de um mau uso da ciência pelos filósofos e da filosofia pelos cientistas. Mas, certamente, questões que envolvem a noção de “contexto”, bem como “linguagem”, “escrita”, “metáfora”, dentre outras, surgem insistentemente.

⁴¹ *Ibidem*. Págs. 75/76.

⁴² PRADO Jr: B.: “Quinze minutos de notoriedade”. In: Folha de São Paulo, Jornal de Resenhas, 9 de maio de 1998.

⁴³ *Idem*.

Vale lembrar também que, segundo Sokal, um de seus propósitos era denunciar os extremismos da esquerda norte-americana. Além disso, podemos considerar o questionamento sobre a hegemonia de critérios políticos para publicação em revistas e periódicos. É o que destaca Boghossian em sua explicação sobre as motivações que permitiram a publicação do artigo da “Social Text”:

A perspectiva de poder apresentar em suas páginas um cientista – nada mais nada menos que um físico –, emprestando todo peso da sua autoridade à sua causa, foi suficientemente compulsivo para em função disso terem desprezado o fato de não fazerem idéia de que tipo de apoio estavam exatamente a receber⁴⁴.

Não teria sido, portanto, incompetência da academia, ou dos editores da revista. Do mesmo modo, a partir da aceitação e publicação do artigo não se poderia concluir a inconsistência teórica das demais publicações, ou mesmo dos pensadores citados na paródia.

A proposta deste ensaio foi revisitar o caso, sugerindo um outro olhar sobre o que poderia ser o fundamento da crítica de Sokal: a extrapolação do contexto, no caso científico, pelos filósofos chamados pós-modernos. A partir da desconstrução do conceito *contexto*, empreendida por meio da investigação das noções de *comunicação* e *escrita* proposta por Derrida, talvez possamos re-considerar as perguntas: **um contexto é absolutamente determinável?** A noção de contexto não abrigaria algumas excelentes pressuposições filosóficas?

Ou talvez possamos reconhecer, como nos aponta Bennington,

⁴⁴ BOGHOSSIAN, Paul: “O que o embuste de Sokal nos deve ensinar. As conseqüências perniciosas e as contradições internas do relativismo ‘pós-moderno’”. In: *Disputatio* 2, maio de 1997. [On line] Disponível na internet via www. URL: <http://disputatio.tripod.com/articles/art.22.html>, em 20 de junho de 2001.

que nenhum texto é homogêneo, que todo texto propõe sua própria leitura e mesmo uma instituição que garantirá sua leitura, mas deve, fazendo isso, deixar inexplorados os recursos que podem muito bem perturbar, até mesmo contradizer essa leitura⁴⁵.

O texto pode propor uma instituição que garanta sua leitura, mas isso só pode ser feito pelo esforço contínuo de afastar “outras leituras”, pelo esforço de encarcerar o que há de mais próprio à escritura: a possibilidade de repetição na alteridade, a ausência radical do autor e do destinatário.

Se revisitarmos o caso Sokal à luz da desconstrução da noção de contexto, já não parece mais tão claro em que consistiria o “abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos”. Seria no uso de enunciados científicos *fora de seus contextos originários*?!

Mas aonde isso tudo nos leva? Será que poderíamos, a partir disso, considerar a possibilidade de um deslocamento da questão? Mas não seria esse, aliás, o propósito da desconstrução? Como afirma Derrida:

A desconstrução não pode limitar-se ou passar imediatamente para uma neutralização: deve, através de um gesto duplo, uma dupla ciência, uma dupla escrita, praticar uma *reviravolta* da oposição clássica e um *deslocamento* geral do sistema. É só nessa condição que a desconstrução terá os meios de intervir no campo das oposições que critica e que é também um campo de forças não-discursivas⁴⁶.

Se isso for possível, talvez se tornem mais claras as “razões” pelas quais os autores de *Impostures intellectuelles* não receberam, e provavelmente não receberão, a resposta que esperavam.

⁴⁵ BENNINGTON, *op.cit.*, 1996. Pág.73.

E quem há de se defender?

“Minha resposta é: tudo isso é triste, não é mesmo?”⁴⁷

Referências Bibliográficas

ABRAMO, C. W.: “O telhado de vidro do relativismo”. In: Folha de São Paulo, 15 de setembro de 1996.

BENNINGTON, G.: *Jacques Derrida*. RJ: Jorge Zahar Editor, 1996.

BOGHOSSIAN, Paul: “O que o embuste de Sokal nos deve ensinar. As conseqüências perniciosas e as contradições internas do relativismo ‘pós-moderno’”. In: *Disputatio* 2, maio de 1997. [On line] Disponível na internet via www. URL: <http://disputatio.tripod.com/articles/art.22.html> , em 20 de junho de 2001.

DERRIDA, J.: *Gramatologia*. SP: Perspectiva, Ed. da USP, 1973.

_____ : *Margens da Filosofia*. SP: Papyrus, 1991.

_____ : *A Escritura e a Diferença*. SP: Perspectiva, 1995.

_____ : “Descomposturas intelectuais”. In: Folha de São Paulo, 19 de abril de 1998.

CAMPOS, R.: “A brincadeira de Sokal...”. In: Folha de São Paulo, 22 de setembro de 1996.

SOKAL, A. & BRICMONT, J.: *Imposturas intelectuais*. RJ: Record, 1999.

_____ : “Uma crítica sem fundamento”. In: Folha de São Paulo, 19 de abril de 1998.

_____ : “Imposturas e Fantasias”. In: Folha de São Paulo, *Jornal de Resenhas*, 13 de junho de 1998.

⁴⁶ DERRIDA, *op.cit.*, 1991. Pág. 372.

⁴⁷ DERRIDA, J: “Descomposturas Intelectuais”. In: Folha de São Paulo, 19 de Abril de 1998.

SOKAL, A.: “Transgredindo as Fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica”. In: SOKAL & BRICMONT, *op.cit.*,1999.

_____ : “A razão não é propriedade privada”. In: Folha de São Paulo, 6 de outubro de 1996.

_____ : “Entre a paródia e a denúncia: trajetos de dois físicos nos bosques das humanidades” In: *Revista de Antropologia*, Universidade de São Paulo, Vol. 41, 1998, págs. 215-233.

Outras referências bibliográficas consultadas:

ASSIS, J. de P.: “As razões do relativismo civilizado”. In: Folha de São Paulo, 6 de outubro de 1996.

CARVALHO, O. de: “Sokal, parodista de si mesmo”. In: Folha de São Paulo, 21 de Outubro de 1996.

FERNÁNDEZ, R.: “O rei está nú”. In: Folha de São Paulo, 11 de abril de 1998.

MERQUIOR, J. G.: *De praga a Paris: o surgimento, a mudança e a dissolução da idéia estruturalista*. RJ: Nova Fronteira, 1991.

NASCIMENTO, E. & GLENADEL, P. (orgs.): *Em torno de Jacques Derrida*. RJ: Sete Letras, 2000.

Departamento de Filosofia da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 05 de julho de 2001.

Leandro Chevitarese

